

# A poesia contemporânea em Moçambique e a concepção de identidade

---

## *Contemporary Poetry in Mozambique and the Concept of Identity*

Norma Sueli Rosa Lima\*  
Universidade Católica de Petrópolis/Ipetec

116

---

**RESUMO:** A poesia Pós-Independência em Moçambique e o autor africano. Busca por uma identidade nacional em confronto com a colonial. A moçambicanidade como afirmação de uma cultura híbrida, mescla da presença étnica de muitos povos em sua gênese. Relações entre poesia e linguagem, a língua portuguesa do Outro e o processo de sua antropofagia. O poeta e a escritura nas décadas posteriores aos das Guerras Coloniais na presença do poema de Luís Carlos Patraquim. O imaginário e o construto de padrões (in)visíveis. O lírico e o contemporâneo, retomadas e rupturas com a tradição. A novíssima geração na presença do Mestre Tchaka.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura moçambicana contemporânea. Poesia moçambicana contemporânea. Luís Carlos Patraquim - Poesia.

**ABSTRACT:** Post-independence poetry in Mozambique and the African author. Searching for a national identity in confrontation with the colonial one. Mozambican as statement of a hybrid culture, mixing of the ethnic presence from several people in their genesis. Relationships between poetry and language, the Portuguese from the Other and the process of its anthropophagy. The poet and writing in decades after the Colonial Wars in the presence of the Luís Carlos Patraquim poem. The imaginary and construct of (in)visible patterns. Lyrical and contemporary, resumptions and ruptures with the tradition. The newest generation in the presence of Master Tchaka.

**KEYWORDS:** Mozambican Contemporary Literature. Mozambican Contemporary Poetry. Luís Carlos Patraquim - Poetry.

---

\* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Um dos debates que surgiu, no período Pós-Independência, foi o da inclusão (ou não) de autores ou obras no corpus da Literatura Moçambicana. No caso da famosa Antologia *No reino de Caliban*, Ferreira (1996) o justificou com base na presença ou ausência do seu autor no espaço físico moçambicano; já Margarido (1980) tomou três diferentes critérios: o da origem geográfica, o da integração étnica e o da opção política ligada ao abandono do país após a Independência; outros, como Rocha (1985), aplicou ainda um outro: o racial. Contemporaneamente, o método de uma possível identificação de quem são os autores da literatura moçambicana se ampliou, não somente no tocante a se tentar definir e delinear um imaginário poético que reinvente e recrie uma nova nação- na busca do espaço identitário, ou o da moçambicanidade, perseguido desde as lutas pela Libertação, como bem mostrou Mendonça (1988) - como, também, no sentido nem tão novo assim, mas cada vez mais presente, da reivindicação por uma expressão comunicativa que abarque, além da Língua Portuguesa, as expressões orais.

Passados já quase quarenta anos do processo de Independência, verifiquemos como os versos dos autores contemporâneos podem nos trazer pistas sobre o panorama atual de como algumas produções poéticas desta Literatura abordam o conceito de identidade, tendo como auxílio as reflexões de Anderson (2008) a respeito do processo de construção da nação, na sua medida de “invenção”, tendo em vista a sociedade moçambicana como a que se constituiu com muitos feixes étnicos, em mundos múltiplos:

Ali se cruzaram o islão, o hinduísmo, o budismo e o animismo. Ali se encontraram gentes com a pele de todos os matizes de castanho até aos árabes brancos e se alternaram formas de governação representando interesses rivais, filiações religiosas diferentes, dependências políticas diversificadas. Era este o tesouro já ali depositado quando as naus de Vasco da Gama, em 1498, ancoraram ao largo do Musumbiji, nome swahili pelo qual é presumível que o local fosse já então conhecido (CABAÇO, 2009, p. 78).

Modernamente, ao lado de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, podemos considerar Moçambique como uma nação híbrida, no sentido de representação étnica multicultural, em que esta leitura não evidencia o apagamento das marcas africanas, e sim a mestiçagem cultural como sinalizadora das mudanças provocadas pelo grande processo de deslocamentos e de justaposições que rompem com as concepções fixas, sedentárias, de cultura e identidade (ABDALA JR., 2004).

A própria expressão utilizada predominantemente para o texto literário moçambicano, a Língua Portuguesa, é compreendida em perspectiva mais ampla do ponto de vista de linguagem que, ao longo da sua história, tem dialogado com grupos étnicos com os quais entrou em contato (LIMA, 2013). Imposta às numerosas línguas locais, nunca foi única, nem mesmo no Brasil, onde durante muito tempo foi reconhecida como a oficial, na medida da proibição, por lei, de que aqui se falasse o tupi. Muito menos em Moçambique, o Português tem como expressão paralela mais de 30 línguas nacionais, estas se misturam a ele e, principalmente no texto literário, evidenciam fortemente o hibridismo linguístico.

O exame das produções poéticas moçambicanas com base na percepção identitária aponta para, além da investigação natural de uma criação desvencilhada dos sufocantes laços coloniais, um diálogo com o passado, através de procedimentos estilizados como intertextualidades, retomadas, citações, entre outras. Para muitos estudiosos a revisitação ao passado colonial tem produzido, no campo literário, situações discursivas que evidenciam a busca por uma constante leitura própria da cultura local. A heterogeneidade ganha força como combate ideológico contra padronizações homogêneas, na qual a diferença é rica e a convivência entre grupos étnicos pode ser, também, compreendida através de posicionamento teórico que a caracteriza como “[...] complex strategies of cultural identification and discursive address that function in the name of the ‘people’ or the ‘nation’ [...]” (BABHA, 1994, p. 107).

Para Mendonça (2010) este conceito adquiriu um significado mais amplo, quando associado aos de transculturação e transtextualidade, porque possibilitou a leitura do corpus literário produzido por/contra os sistemas trazidos pela colonização, através de transformações e apropriações, com utilização de estratégias específicas as quais correspondem à necessidade de forjar novos sistemas sem o apagamento das marcas locais. São essas que, deixando entrever culturas diversas (orais e escritas), textualizam a nação, na perspectiva com que Anderson (1994) entendeu a construção dos elementos que pertençam a um espaço nacional.

Neste ponto, no cruzamento entre identidade, nação e cultura da imagem, situamos a poética como a que almeja, também, libertar-se de um imaginário, muitas vezes construído como “realidade” pelo colonizador. Em uma perspectiva contemporânea na qual as imagens assumem cada vez mais importância, ratificando o que Benjamin previra ainda nos anos 30, de que cada vez mais perderiam suas auras em função de uma exposição demasiada, embora elas não tenham conseguido nem mesmo com a força midiática atual, “superarem as antigas narrativas orais” (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003, p. 2) reforça-se, a cada dia, o argumento benjaminiano de que na forma de arte, a reprodutibilidade técnica somente poderia ser valorizada se recuperasse o ritual, como o fez o cinema, humanizando a máquina. Deste modo, somente as manifestações artísticas apresentam este papel privilegiado, o qual nenhuma tecnologia de ponta suplantou e é assim que os escritores-poetas se inserem como os que terão por tarefa mostrar o entre-lugar, a fresta, o desencaixe das formas, evidenciando o que nenhum *stablishment* deseja: que alguma coisa, de fato, está fora da ordem. No caso específico dos poetas de língua portuguesa, a linguagem se configura como desafio constante, imposta como qualquer língua:

Chego, às vezes, a suspeitar que os poetas, os verdadeiros poetas, são uma espécie de erro na programação genética. Aquele produto que saiu com falha, assim, entre dez mil sapato um saiu meio torto. É aquele sapato que tem consciência da linguagem, porque só o

torto é que sabe o que é o direito. Então, o poeta seria, mais ou menos, um ser dotado de erro, e daí essa tradição de marginalidade, essa tradição moderna, romântica, do século XIX pra cá, do poeta como marginal, do poeta como bandido, do poeta como banido, perseguido, enfim...

Ninguém nos perguntou antes que língua a gente gostaria de falar. Quando você vê, você é passivo em relação àquela língua sobre a qual, como todas as formas sociais, não tem poder. Já chegou numa língua na qual diz, por exemplo, no Indicativo: eu estou, tu estás, ele está. Não pode dizer: eu estejo, eles estejando. Você entra dentro do jogo dela ou não vai ser nem reconhecido (LEMINSKI, 1990, p. 284-287) Adaptado.

O imaginário poético das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa vem se desprendendo de uma costura outrora forjada pelo autoritarismo que impunha a sua leitura e desenho de si como se fosse o do Outro, para pensarmos em Memmi (1977). Inclusive em termos de estratégias de linguagem, com a Língua Portuguesa sendo constantemente devorada dentro de um projeto mais amplo; o do construto de um outro imaginário, o nacional, que substitua a imaginação colonial pela nacional, pela identitária. Segundo Mendonça “o percurso temático - e, a um outro nível, o discursivo - desta literatura se orienta no sentido da transformação da natureza do diálogo com o passado colonial”. Desde as décadas de 80 e 90, na análise da moderna poesia moçambicana, vários estudos já identificaram um cânone ligado ao ciclo do mar, tendo como elemento propulsor o espaço do Índico e associado também à importância da imagem da Ilha de Moçambique, em oposição à produção estritamente urbana e meridional (SECCO, 2002).

Vale citar o simbólico poema de Luís Carlos Patraquim que retrata a sua ilha natal, nomeando-a como faziam seus antigos habitantes:

Muhipiti

E onde deponho todas as armas. Uma palmeira  
harmonizando-nos o sonho. A sombra.  
Onde eu mesmo estou. Devagar e nu. Sobre  
as ondas eternas. Onde nunca fui e os anjos  
brincam aos barcos com livros como mãos.  
Onde comemos o acidulado último gomo  
das retóricas inúteis. E onde somos inúteis.

Puros objectos naturais. Uma palmeira  
de missangas com o sol. Cantando.  
Onde na noite a Ilha recolhe todos os istmos  
e marulham as vozes. A estatuária nas virilhas.  
Golfando. Maconde não petrificada.  
É onde estou neste poema e nunca fui.  
O teu nome que grito a rir do nome.  
Do meu nome anulado. As vozes que te anunciam.  
E me perco. E estou nu. Devagar. Dentro do corpo.  
Uma palmeira abrindo-se para o silêncio.  
E onde sei a maxila que sangra. Onde os leopardos  
nafragam. O tempo. O cigarro a metralhar  
nos pulmões. A terra empapada. Golfando. Vermelha.  
E onde me confunde de ti. Um menino vergado  
ao peso de ser homem. Uma palmeira em azul  
humedecido sobre a fronte. A memória do infinito.  
O repouso que a si mesmo interroga. Ouve.  
A ronda e nenhum avião partiu. E onde estamos.  
Onde os pássaros são pássaros e tu dormes.  
E eu vagueio em soluços de sílabas. Onde  
Fujo deste poema. Uma palmeira de fogo.  
Na Ilha. Incendiando-nos o nome.

A inserção do termo léxico *Muhipiti* em substituição a Moçambique, de origem portuguesa, nos remete à imposição da cultura nativa, que antes de ser devorada pela Ocidental, a devorou. A renomeação da Ilha com o termo nativo está em consonância com uma série de ações que reposicionam a cultura africana no seu devido lugar como a dos escritores que se rebatizaram com nomes oriundos de suas línguas mães, a exemplo do angolano Artur Carlos Maurício Pestana, que passou a se chamar Pepetela. Resistência não específica do momento Pós-Independência, mas existente em todo o período colonial, como expressou a imagem abaixo.

Imagem em marfim proveniente do Benim (British Museum). Representa um rei beninense com a cabeça encimada por numerosas cabecinhas de portugueses, num simbolismo de assimilação dos conhecimentos dos estranhos visitantes chegados do mar, por volta de 1470, sem, todavia, se deixar dominar pelos mesmos. O objeto era normalmente usado à cintura nos grandes cerimoniais (ALBUQUERQUE, 1989, p. 12).



Imagem de rei de Benim. Fonte: British Museum.

As contradições em torno da identidade moçambicana, como um dos temas mais presentes nos debates ocorridos desde que se iniciaram as discussões sobre o nacionalismo africano, se contrapõem ao discurso da harmonia, presente na década de 50, baseado no luso-tropicalismo. As múltiplas etnias surgem, contemporaneamente, em desarrumação, na busca das suas ruínas pós-colonialistas, nas divisões e desigualdades que traduzem as assimetrias e lacunas com que a sociedade de Moçambique se confrontou ao longo dos anos (CHAVES, 2007, p. 95).

Se Bachelard (1978) nos ensinou que a relação de uma imagem poética nova com um arquétipo adormecido no inconsciente não se dá como causa, por ela não ser o eco de um passado, mas o seu inverso - pela explosão de uma imagem, o passado longínquo e não se vê mais em que profundidades esses

ecos vão repercutir e cessar -, é interessante verificar que, nos dias atuais, a poesia nunca esteve tão presente nas ruas de Moçambique, e que esta dialoga com a Literatura de Guerra, combativa, questionadora agora não mais de um colonialismo que já não existe e sim das condições sociais desiguais. Recentemente (em outubro de 2013), um evento promovido pelo Instituto Cultural Moçambique Alemanha (ICMA) realizou uma "Noite de Poesia" em Maputo. A preferência nas apresentações se deu pelos versos combativos, como as que escreviam os guerrilheiros da década de 60. A finalidade do evento foi a de estimular o reconhecimento da importância de se preservar os valores ancestrais tendo tido destaque a participação do jovem poeta Tchaka (António Joana Cuambe), de 20 e poucos anos, oriundo do Chamanculo, periferia da cidade de Maputo, que declamou os seus versos na língua local - xi-changana. A partir deste episódio, ele que encontrara a sua salvação inicial no esporte, tendo sido atleta, voltava-se, também, para a Literatura.

Sempre gostei de ler, de aprender. Tanto é que das leituras que tenho feito ganho inspiração para exteriorizar as minhas ideias no papel. [...] Tenho feito apologia para que nós os africanos não percamos as nossas raízes culturais, a identidade tradicional. Como tal, é em Tchaka que encontrei um forte nome para a minha identidade como artista. Afinal, depois de muitas batalhas no taekwondo, no boxe e no futebol ainda não caí. Isto faz com que o Mestre Tchaka seja um nome à minha medida. [...] encontro-me num encruzilhado de questões sem respostas. Porque é que não se valoriza a aparição de novos talentos nas artes?... (ALBINO, 2012).

A opção de Tchaka em expressar seus versos exclusivamente em xi-changana evidencia a afirmação identitária e reacende a problemática de uma Literatura Africana de expressão ou de língua não portuguesa, cujos debates já vêm de longa data e parecem longe de se esgotarem. De qualquer maneira, nestas breves investigações dos caminhos de uma lírica moçambicana que busca, após a Independência, legitimação cada vez mais distanciada de construtos forjados, os poetas de Muhipiti ainda se indignam e cada vez mais colocam, nos versos, a identidade e a voz.

## Referências

ABDALA JR., Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras culturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ABRAHAMSSON, Hans; NILSSON, Anders. *Moçambique em transição: um estudo da história do desenvolvimento durante o período 1974-1992*. Maputo: Padrigu/CEEI/ISRI, 1994.

ABRANCHES, Henrique. *Reflexões sobre a cultura nacional*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

ABRANCHES, Henrique. *Identidade e patrimônio cultural*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989.

ALBINO, Inocêncio. Tchaka artista ofuscado pela mediocridade. @Verdade. 2012 Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/cultura/20862-tchaka-artista-ofuscado-pela-mediocridade>>. Acesso em: 24 jan. 2014

ALBUQUERQUE, Luís de. Introdução. In: PORTUGAL no mundo. As zonas de influência do Ocidente. Origem e desenvolvimento da colonização. Lisboa: Alfa, 1989

ALBUQUERQUE, Orlando de; MOTTA, José Ferraz. *História da Literatura em Moçambique*. Braga: APPACDM, 1998.

AMSELLE, Jean-Loup. Etnicidade e identidade em África. In: CORDELIER, Serge (Coord.). *Nações e nacionalismos*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1994.

ANDRADE, Mário de. *Origens do nacionalismo africano*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

BABHA, Homi K. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. In: OS PENSADORES. São Paulo: Abril Educação, 1978.

- BAKHTIN, Mikhail. *Le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Anpocs, 2009.
- CABAÇO, José Luís. A questão da diferença na Literatura Moçambicana. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 7, out. 2004.
- CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas. Literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2007.
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia (Org.). *Literaturas em movimento. Hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FERREIRA, Manuel (Org.). *No reino de Caliban III: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Plátano, 1996.
- FERREIRA, Manuel. *50 poetas africanos. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe*. 2. ed. Lisboa: Plátano, [s.d.].
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LEMINSKI, Paulo. Poesia: a paixão da linguagem. In: NOVAES, Adauto (Coord.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LIMA, Norma Sueli Rosa. O ensino de Língua Portuguesa e a Lei 11.645/2008. In: PINTO, Maria Isaura Rodrigues (Org.). *Linguagem em (re)vista*. Niterói: UERJ, 2013.

MACEDO, Tânia; MAQUEA, Vera; SANTILLI, Maria Aparecida; FLORY, Suely Fadul Villibor (Org.). *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas*. Moçambique. São Paulo: Secretaria do Estado de Cultura, 2007.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudo sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

MENDONÇA, Fátima. *Literatura moçambicana: a história e as escritas*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.

MENDONÇA, Fátima. Poetas do Índico - 35 anos de escrita. *Mulemba*, Rio de Janeiro, n. 4, jul. 2011.

MENDONÇA, Fátima. Literaturas emergentes, identidade e cânone. 2010. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/a-ler/literaturas-emergentes-identidades-e-canone>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

ROCHA, Ilídio. *Catálogo dos periódicos e principais seriados de Moçambique*. Lisboa: Edições 70, 1985.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na Pós-Modernidade*. Porto: Afrontamento, 1992.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. Por que esta Ilha? In: *METAMORFOSES 3*. Lisboa: Caminho/Cátedra Jorge de Sena, 2002.

SERRA, Carlos. Introdução. In: *CONFLITO e mestiçagem*. Maputo: Universitária, 2000.

SILVA, Romeu da. Jovens moçambicanos retomam poesia de combate da independência. DW. 2012. Disponível em: <<http://www.dw.de/jovens-mo%C3%A7ambicanos-retomam-poesia-de-combate-da-independ%C3%Aancia/a-16324470>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

Recebido em: 27 de janeiro de 2014  
Aprovado em: 12 de abril de 2014